

LEITE ORGÂNICO PELO PRODUTOR RICARDO SCHIAVINATTO

BALDE **BRANCO**

Ano 51 – número 615 – janeiro 2016 – R\$ 10,50 – www.baldebranco.com.br

2016

CUSTOS, GESTÃO, COTAÇÃO E MERCADO

**O que os produtores de leite precisam saber
para driblar a crise e assegurar lucratividade**

Febre aftosa:
Brasil quer por
fim à vacinação

Como tratar
sucessão e herança
na família rural

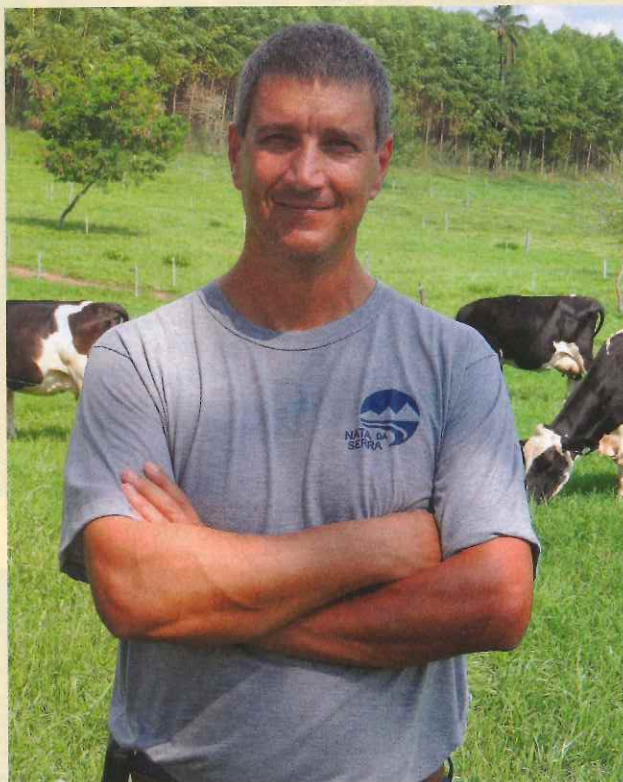
A qualidade do
leite e a avaliação
nutricional das vacas

RICARDO JOSÉ SCHIAVINATTO

Leite orgânico: difícil e desafiador

Produzir leite orgânico é tecnicamente mais difícil, mais caro, e não permite erros na dieta, no manejo e na reprodução, já que as chances de correção são poucas e restritas

NELSON RENTERO



talado na fazenda. "Mais produzisse, mais venderia". diz. O impacto produzido por seguidas reportagens sobre seu projeto na TV só o fizeram vender mais rápido seus lácteos, mas não o demoveram da ideia de se estabilizar. Conta que quer ter o controle do negócio, que o rebanho e o laticínio de que hoje

Há 15 anos, o engenheiro agrônomo Ricardo José Schiavinatto iniciava sua produção de leite orgânico na Fazenda Nata da Serra. Era mais um item a ser acrescentado a uma linha de produção que incluía até então legumes e frutas numa propriedade localizada no município de Serra Negra, a 150 km da capital paulista. Para sua surpresa, a nova atividade não correspondeu aos seus planos nos primeiros anos, quebrando sua expectativa de estar diante de um bom e promissor negócio.

Mesmo assim, durante quase uma década bateu cabeça, e entre erros e acertos tocou a atividade sem alcançar o retorno pretendido. O apoio familiar e os ganhos com a produção agrícola lhe davam força para insistir que o leite orgânico era viável dentro do seu projeto. A virada só veio em 2007, quando resolveu conhecer de perto o Programa

Balde Cheio, indo pessoalmente à sede da Embrapa Pecuária Sudeste, em São Carlos-SP, conversar com os pesquisadores responsáveis.

A retribuição da visita ocorreu algumas semanas depois, com os técnicos conferindo *in loco* o bom cultivo de tomates e morangos orgânicos, entre outros produtos, sem esconder a decepção com o que viram na exploração leiteira. Eram muitos os erros, mas todos possíveis de serem corrigidos desde que o produtor se dispusesse a seguir novos conceitos. Desafio aceito, e um pacto entre eles, então, foi fechado. De lá pra cá, os índices mudaram e fizeram dos atuais 25 ha destinados ao leite uma área de referência para quem pensa em leite orgânico no País.

Dos iniciais 300 litros/dia está hoje com 1.500, um volume que se transforma em iogurtes e queijos no laticínio ins-

dispõe atendem a suas aspirações como produtor e empresário. Nesta entrevista exclusiva à **Balde Branco**, ele detalha um pouco mais de sua experiência em produzir e comercializar leite orgânico.

Balde Branco - O sr. optou pela produção de leite orgânico há alguns anos. O que significa isso em termos produtivos?

Ricardo José Schiavinatto - Muitas vezes, me perguntam sobre o que é mais fácil: produzir pelo sistema orgânico ou convencional? Costumo responder que o leite orgânico é tecnicamente mais difícil, é mais caro, e que não é para qualquer um. Trata-se de um sistema que não permite erros na dieta, no manejo e na reprodução, já que os recursos para compensá-los são poucos e restritos. Ao contrário da pecuária leiteira convencional, não dispomos de qualquer tipo de ração ou de técnicas de reprodução,

como a IATF, tão empregada hoje como rotina de fazenda.

BB - Sua história com o sistema de leite orgânico parece estar dividida em duas partes: antes e depois da assistência técnica. Confere?

RJS - Exatamente. Durante oito anos insisti no que sabia de gado de leite e agricultura orgânica. Descobri, depois, que sabia pouco de vacas e que por isso patinava, não crescia. E descobri também que ter uma produtividade por área melhor que a média brasileira não significava absolutamente nada. Aliás, isso prevaleceu até me comparar com a produtividade média da Nova Zelândia. Em 2010, os caras produziam a pasto 13 mil litros/ha/ano, cerca de sete vezes mais do que eu. A constatação foi um baque! Daí resolvi mudar tudo. Com a ajuda dos técnicos da Embrapa Pecuária Sudeste, estou hoje com 19 mil litros/ha/ano, em metade da área antes utilizada e com uma margem bem melhor. E a produtividade por vaca praticamente dobrou. Eles foram fundamentais nessa transformação.

BB - Quais eram os erros mais comuns que o sr. cometia?

RJS - Eram vários. Um exemplo era a dieta empregada, que tinha como base a cevada, antes, permitida pela certificação orgânica, acrescida de capim picado. Isso significava mais leite no verão, menos no inverno, e preços variáveis, como é a realidade vivida por muitos produtores. Não tinha o entendimento de que a atividade leiteira é um sistema multifatorial, ou seja, que os diferentes fatores se interagem para determinar o resultado final.

BB - Como o sr. corrigiu tais práticas?

RJS - Em parte, adotando alguns dos cuidados que empregava na produção agrícola, na qual fazia controle biológico, rotação de culturas, nutrição de plantas, adubação... Passamos a dividir a pastagem em piquetes e irrigar. A irrigação alterou positivamente os nossos indicadores. Temos todos os controles, com uma estação que faz a leitura do evaporímetro para determinar quanto precisamos irrigar. Veja bem, o que fazemos não é 'molhação'. Passamos também a aproveitar melhor a grama-estrela de que dispúnhamos, ajustando o manejo para deixá-la ainda mais produtiva, sem deixar passar do ponto ideal de consumo.

BB - Hoje, como se dá o aproveitamento das áreas de pasto?

RJS - Fazemos o pastejo de ponta,

com uma lotação sempre menor. O nosso planejamento está mais calçado no inverno do que no verão, pois na seca trabalhamos com lotação plena, no sentido de fazer as vacas comerem tudo, o que não dispensa uma suplementação com milho ou cana. Quando chega o verão, o gado não dá conta de tanto pasto disponível, e aí deixamos o terço médio das plantas no solo para se decompor e virar matéria orgânica para as próprias plantas. Mesmo assim, não dispensamos a adubação, feita com cama de frango compostada e dejetos do próprio rebanho.

Com os erros que cometia e com o apoio dos técnicos, aprendi que a atividade leiteira é um sistema multifatorial

BB - Como o sr. enfrenta o ataque de invasoras nas áreas de pasto, já que tem restrições para o uso de produtos químicos?

RJS - Temos feito capina manual, pois não podemos utilizar herbicidas, como você disse. É mais trabalhoso, eu sei. Aliás, esses detalhes justificam também nossos custos mais elevados e determinam também que nosso sistema tem mesmo que ser a pasto, pois a gramínea tropical é extremamente adaptada à nossa região, e é ela que mais impede que se abra espaço para plantas invasoras.

BB - Mudando de assunto, como se dá a comercialização dos lácteos orgânicos que o sr. produz?

RJS - A estrutura de comercialização da Fazenda Nata da Serra foi montada considerando que lácteos orgânicos significam um produto diferenciado, o que exige, por sua vez, uma oferta diferente da convencional. Hoje, a venda dos produtos acontece em lojas especializadas e feiras orgânicas em São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro; pelo sistema delivery, a partir do contato direto com o consumidor através de parceiros que vendem também outros alimentos orgânicos e, completando, por meio de grupos de consumo, que são pessoas que se cotizam e passam a adquirir nossos produtos diretamente, a preço de atacado.

BB - Hoje, o que o sr. produz de lácteos está de acordo com a demanda?

RJS - Posso te afirmar que se produzíssemos três ou quatro vezes mais, venderíamos tudo. O quadro é tentador, mas acho que cheguei num tamanho que sempre quis ter, de acordo com a propriedade, com o laticínio e, principalmente, com a minha capacidade de gerenciar o

negócio. Sobre o mercado de alimentos orgânicos, posso afirmar que está extremamente comprador.

BB - O sr. tem participado de algumas reportagens na TV sobre produção orgânica. Tal exposição lhe ajudou no negócio?

RJS - A reportagem do *Globo Repórter*, por exemplo, ajudou muito, mas diria que os benefícios foram aproveitados pelo segmento de produtos orgânicos como um todo. Lógico, não posso esconder que no sábado, dia seguinte ao programa, vendemos em três horas o que vendíamos durante o final de semana. Com isso tudo, tenho me esforçado para ampliar a oferta, mesmo sabendo que estou muito longe de atender a esse mercado.

BB - O sr. não se vê desafiado para uma expansão futura do rebanho, da produção de leite e da oferta de laticínios?

RJS - Por incrível que pareça, essa questão está muito bem resolvida para mim. Como já te disse, eu não quero crescer mais. O que quero é melhorar a eficiência dentro do negócio, tanto na produção de leite e de lácteos, como também na comercialização. Pessoalmente, acho que tudo tem tamanho, e o que disponho hoje é exatamente o meu número.

BB - Nos últimos anos, o sr. cresceu na produção de leite, mas se manteve estável na produção de frutas e legumes. Por que esta decisão?

RJS - Para responder a essa questão tenho duas explicações. A primeira está ligada à ocupação da área da propriedade e do que necessitei para atender à pecuária de leite. Aumentar a produção

significou ocupar as áreas disponíveis com mais vacas, já que tinha optado por verticalizar a produção. A segunda explicação diz respeito à comercialização dos produtos agrícolas, algo bem complicado, que não depende tanto de

nossa capacidade de produção. Diferentemente, com o leite podemos identificar melhor o que fazer dentro da linha de produtos de que dispomos. Há um maior controle do negócio.

BB - Quais são as principais limitações para se ter índices semelhantes à pecuária de leite convencional?

RJS - Aponto a utilização da terra, na questão dos nutrientes. Por exemplo, sabemos da resposta que os capins tropicais dão a partir do incremento do nitrogênio, que não podemos utilizar. O

A irrigação controlada alterou positivamente os nossos indicadores. Veja bem, o que fazemos não é 'molhação'

nitrogênio promove uma resposta muito mais elevada do que os adubos orgânicos. Outra questão pertinente diz respeito à utilização de concentrados, também com restrições. A orientação é utilizar ao máximo a dieta a partir de pastagem. Nesse sentido, costume dizer que quando se fala em produção sustentável não se deve se restringir apenas ao momento, mas, sim, pensar em longo prazo. Então, quando mostramos vacas de oito ou nove crias produzindo leite com qualidade, isso é prova de que o nosso sistema é sustentável. Em outras palavras: podemos não ter a produtividade de um sistema convencional, mas temos a possibilidade de vender mais animais do que num sistema convencional, já que dispomos de um rebanho mais longo. Uma conta nesse sentido nunca fiz, mas acho que pode surpreender no resultado.

BB - O sr. tem dificuldades em relação a preço e oferta de produtos orgânicos para alimentar o rebanho, como soja e milho?

RJS - Realmente um grande gargalo que temos na produção de leite chama-se concentrados, principalmente a soja, já que somos quase autossuficientes na produção de milho. Grãos, produzimos há 15 anos na rotação das áreas de horta, enquanto para silagem desde 2012. O nosso grande problema é a disponibilidade de soja, pois não temos encontrado alternativas a um preço viável para substituí-la como grãos ou farelo. Veja bem, convivemos com restrições com polpa cítrica, algodão, cujos produtos têm aplicação química e variedades transgênicas.

BB - Tais entraves acabam comprometendo seu custo de produção, certo?

RJS - Com certeza. Estamos hoje com R\$ 1,10 por litro, o que pode ser considerado alto se comparado com o que se obtém no sistema convencional. O custo de concentrado na planilha faz toda a diferença. Para você ter ideia, a tonelada da soja orgânica custa o dobro do valor da soja convencional.

BB - O sr. convive também com restrições no manejo do rebanho. Por exemplo, como controla carrapatos, já que é preciso seguir alguns preceitos para garantir a certificação orgânica?

RJS - A questão do carrapato sempre foi vista por aqui a partir da avaliação do sistema de produção. No sistema convencional, o parasita é combatido com um carrapaticida, o que não nos é permitido. Então, restam-nos outras práticas de combate, como a adoção do sistema de pastejo rotacionado intensivo, que por si só já mini-

miza tal problema, principalmente quando se tem cuidados também com áreas de descanso e de corredor, não permitindo que o capim fique velho ou alto, o que promoveria a hospedagem de carrapatos. Outro fator importante a destacar é que dispomos de muita matéria orgânica no solo, a qual produz alguns fungos controladores desses parasitas.

BB - A homeopatia colabora também com esse tipo de controle?

RJS - Isso mesmo. Toda vez que se faz o arraçamento das vacas, elas estão sendo homeopatizadas com produtos específicos para o controle de ecto e endoparasitas. É um trabalho preventivo que envolve todo o rebanho durante o ano inteiro.

BB - E quanto a outras doenças, como a mastite: como se dá a prevenção e o tratamento?

RJS - O controle da mastite está muito mais relacionado ao manejo de ordenha do que qualquer ação medicamentosa. Mesmo assim, fazemos o pré-dipping, com iodo ou ácido láctico, e o pós-dipping, sempre muito bem aplicados. Além disso, fazemos questão de ter um sistema de ordenha bem regulado, com boa manutenção, um ordenhador preparado para a função e utilizando um protocolo homeopático durante todo o período de lactação da vaca, o que é reforçado com outro protocolo exclusivo para o período de secagem. Com isso, há muito tempo que a contagem de células somáticas não passa de 300 mil/ml e a contagem bacteriana é mantida abaixo de 40 mil/ml, o que é um mérito para um rebanho que não utiliza antibióticos.

BB - Além do cruzamento de Hollandês e Jersey, o sr. tem utilizado raças puras não muito empregadas por aqui, como a Sueca Vermelha e a Montbeliard. Qual a razão?

RJS - Temos notado que animais de pelagem vermelha demonstram uma resistência maior aos ectoparasitas, o que é confirmado por pesquisas. É o caso da Montbeliard, por exemplo. Já sobre a Sueca Vermelha, optamos por ser um animal muito parecido com o Jersey, ter porte pequeno e teor de sólidos elevado no leite. Essas duas raças apresentam vacas muito funcionais, que é o que nos interessa. Por isso, nosso rebanho não causa muita admiração para quem gosta de ver tipo ou pelagens mais padroniza-

das... Na essência, o que buscamos é tirar proveito dos efeitos da heterose na genética do rebanho, sem nos preocuparmos com uma raça pura, definida, pois sabemos que o que faz dar leite é o sistema de produção.

BB - Nesse sentido, onde o sr. obtém informações?

RJS - Na realidade, a minha iniciação com cruzamentos começou com vegetais, onde também temos o F1, a heterose... Com o gado, fui percebendo que poderia valorizar as características leiteiras e aproveitar melhor a genética taurina, já que o tempo de seleção é muito maior do que os zebuínos. E por tal opção que utilizamos essas quatro raças.

BB - Para concluir, parece que o sr. se tornou uma referência na produção orgânica de leite. Daí, são muitos os interessados em visitá-lo, em aproveitar um pouco de sua experiência. O que o sr. acha dessa experiência?

RJS - Tem sido muito interessante. Começamos a fazer isso como uma forma de divulgar a propriedade e o mundo orgânico. Daí passamos a estruturar melhor a fazenda para que essas visitas fossem mais proveitosas, oferecendo cursos, café da manhã... Hoje, quase 15% da receita da propriedade vem desse tipo de serviço. O restante é completado com o leite, que representa 60%; legumes/frutas, 20%, e café, 5%.

BB - Como consumidor, qual é a diferença que o sr. aponta entre o lácteo orgânico e o convencional?

RJS - Permita-me responder também como produtor, já que consumo um iogurte diferente, que tem a ver com o trato das vacas, com leite produzido, com o seu processamento. É um produto que remete ao tratamento artesanal, quase caseiro. Tudo isso representa um apelo muito forte para o consumidor que procura opção de alimento comprovadamente saudável e seguro, comprometido com meio ambiente e sustentabilidade.

BB - A pouca concorrência no mercado de leite orgânico o ajuda no negócio?

RJS - Não tenho dúvidas. Eu tiro 1.500 litros de leite por dia, o que é muito pouco para o mercado brasileiro. Não dá nem para abastecer a minha Serra Negra. Calcula-se que a produção de leite orgânica representa 0,1% do volume total de leite no País, enquanto na Alemanha já representa 20%. Isso significa que estamos apenas começando um trabalho, que há muito espaço para este segmento crescer.

Se produzíssemos três ou quatro vezes mais, venderíamos, mas confesso que chegamos ao tamanho que queríamos

Optamos por trabalhar com diferentes cruzamentos, pois sabemos que o que faz dar leite é o sistema de produção